

Uma análise sobre a participação das mulheres no movimento integralista através das páginas do jornal *A Offensiva* (1936)

Luana Dias dos Santos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Três Lagoas - Mato Grosso do Sul - Brasil
paondd@gmail.com

Resumo: O presente artigo propõe analisar as *Theses* das Blusas Verdes, escritos publicados no jornal *A Offensiva* (1934-1938), referentes ao mês de setembro de 1936, que tinham o propósito de educar e formar mulheres dentro da ideologia integralista. A Ação Integralista Brasileira (1932-1938) foi um movimento fascista brasileiro, coordenado pelo romancista Plínio Salgado. Sendo a imprensa a forma mais recorrente de disseminar os ideais integralistas, observamos o jornal *A Offensiva*, de publicação semanal e alcance nacional, para compreendermos qual a importância das mulheres para o movimento integralista e os papéis sociais designados a elas a partir do seu sexo biológico. Para tal análise, utilizamos gênero e as afetividades políticas como categoria de análise, que proporcionam um olhar analítico sobre como as mensagens comoventes eram direcionadas e estruturadas no discurso jornalístico do *A Offensiva*, incorporando a maternidade como fonte primária da participação das mulheres no movimento.

Palavras-chaves: Integralismo. Mulheres. Maternidade. Gênero.

Considerações Iniciais

Plínio Salgado uma vez pontuou a importância de “resguardar a mulher das ideias de emancipação feminina”. A notoriedade das suas aptidões só se sobressairia perante uma feminilidade “controlada”, ou seja, uma feminilidade que não fosse fútil – como eram as mulheres no liberalismo – e que não masculinizasse as mulheres que competiam pelos mesmos espaços que os homens nos modelos de sociedade comunista (BAIRROS, 2013). Em meio a discursos de modernização da sociedade, Plínio Salgado tinha como propósito lapidar as mulheres em princípios morais, físicos e intelectuais dentro da ideologia integralista e ideários conservadores cristãos.

O líder do movimento integralista exibe satisfação para que mulheres tenham arregimentação, com seus direitos e deveres, instruídas sob os preceitos da ideologia integralista. Os esforços das mulheres em seguir o caminho dos ensinamentos integralistas resultaria, ao lado dos homens, no avanço para a pátria almejada: o Estado Integral. Por este motivo, as mulheres não eram somente figurantes dentro do

movimento: elas integravam o Integralismo como um todo, sendo suas principais obrigações referentes às suas funções maternas.

Nos debruçamos em observar o Integralismo como um movimento fascista e de cunho político, ressaltando a importância da imprensa militante e suas mensagens comoventes, sobretudo vinculadas ao jornal *A Offensiva*, principal meio de comunicação da Ação Integralista Brasileira (AIB). Dentro disso, observamos a participação das mulheres a partir dos discursos integralistas, retirados da Página da Blusa-Verde, sessão publicada no jornal *A Offensiva* desde o ano de 1936. Tal análise se dá pelo fato de entendermos a necessidade de estudar as relações de gênero, destacando, principalmente, a participação das mulheres em um movimento tal qual foi o Integralismo, desmistificando a ideia de que as mulheres são manipuladas.

Metodologicamente, nos pautamos na categoria gênero de análise e nos estudos sobre afetividades políticas, que possibilitam ferramentas úteis para o estudo dos fascismos e, principalmente, da participação das mulheres no movimento integralista brasileiro. O objetivo primordial deste trabalho é compreender, sob a análise das categorias analíticas, como se dava a participação das mulheres em um movimento de preceitos ideológicos fascistas, como era a Ação Integralista Brasileira, e quais as colaborações que estas tinham para o movimento. Isto se torna importante quando notamos que o estudo de mulheres em movimentos conservadores é pouco abordado e, atualmente, isso se faz necessário num momento histórico em que muitas mulheres compõem as fileiras de movimentos políticos conservadores.

Elaboramos conceitualmente no primeiro tópico, as categorias analíticas de gênero e das afetividades políticas que contribuem na construção deste artigo; posteriormente analisamos as *Theses* das Blusas Verdes, escritos publicados no jornal *A Offensiva* no ano de 1936, direcionados aos ensinamentos doutrinários das mulheres dentro do movimento integralista; por fim, destacamos a importância da maternidade para a análise dessas *theses* e, principalmente, da participação das mulheres no movimento, do qual a sua importância para a Ação Integralista Brasileira caracterizava-se, fundamentalmente, pela função materna.

Gênero e os afetos políticos

De acordo com Renata Duarte Simões (2011, p. 2), a historiografia em suas representações sobre as mulheres, consideraram-nas indivíduos destituídos de poder

social e político. Portanto, contrariamos essa ideia em virtude de que as mulheres “produzem identidades em meio às lutas de representações que ocorrem no cotidiano do movimento” do seu período histórico.

Para isso, destacamos o gênero como uma categoria analítica de extrema importância para compreender e indagar as relações intersubjetivas entre as mulheres e a política integralista da década de 1930. Segundo Joan Scott (1990, p.88), gênero é ao mesmo tempo “constitutivo das relações sociais” e uma forma “primária de dar significado às relações de poder”, ou seja, a categoria de gênero propõe procedimentos para manejar a fonte histórica, diferindo dos demais processos teóricos-metodológicos, que por vezes ignoravam qualquer participação das mulheres nas narrativas sobre o passado.

Sob a perspectiva de gênero, possibilita-se indagar as fontes e questionar onde, porque e como são as vivências e experiências das mulheres no tempo e, ao mesmo tempo, fugindo da concepção da universalidade da categoria “homens” como agentes históricos. As relações de gênero indicam que a história só é passível de análise ao considerarmos que as estruturas têm atuação de poderes múltiplos e desiguais, que envolvem tanto os homens quanto as mulheres. Por este motivo, para Eleni Varikas (1994, p. 68), a análise de gênero caminha próximo do conceito de expatiação de Carlos Ginzburg, sendo

a arte de visitar o passado como um estrangeiro que procura decifrar – mais do que tomar como dado – a significação social das “coisas conhecidas”, neste caso, o que implica ser “homem” ou uma “mulher” numa cultura e num momento histórico dados. Uma arte que permite restringir a espessura problemática aos “fatos” que se acreditava conhecidos ou dados.

A análise de gênero se distancia de uma narrativa puramente descritiva, problematizando a fonte – neste caso, analisamos quais discursos eram mobilizados pelo integralismo para convidar mulheres a comporem suas fileiras. Como era a participação dessas mulheres dentro do movimento a partir de seus papéis de gênero? Essas questões possibilitam entender como o movimento integralista no Brasil compreendia a importância das mulheres e como isso contribuiu na construção do ideal de “mulher” – branca, ocidental e de classe média e alta – brasileira

Isto porque, como afirma Sandra Harding (2019) a experiência social é algo importante ao considerarmos que as mulheres das diferentes culturas têm aspectos em comum, mas que mesmo dentro da categoria “mulheres” existem conflitos de experiências que não são as mesmas para todas as classes sociais e raciais, sendo assim,

se torna necessário fugir das generalizações e propor um recorte social e racial, ao mesmo tempo, interseccionalizando essas categorias com a de gênero.

Joan Scott (1999) adverte que em relação a experiência, cabe ao historiador/a não somente a experiência em si dos sujeitos, mas sim sua natureza da experiência e como ela se constrói discursivamente, como constitui a identidade de sujeitos e como a própria visão do sujeito é estruturada (historicamente por meio de discursos).

Por outro lado, o surgimento da Ação Integralista Brasileira em 1932 implica retomar os acontecimentos sociais e políticos do início do século XX. Em 1914 a Primeira Guerra Mundial eclodiu e o seu desenrolar afetou países ao redor do mundo, incluindo o surgimento do Fascismo italiano de Benito Mussolini, um ex-combatente do partido socialista dos trabalhadores. Para Mussolini, inicialmente, o fascismo seria uma “espécie de nacional-socialismo” que combinava um lado nacionalista e outro radical, ao mesmo tempo em que reclamavam uma política expansionista ao redor do mediterrâneo. Também tinham como plano político o “sufrágio feminino e o voto aos dezoito anos de idade, a abolição da câmara alta, a convocação de uma assembleia constituinte”, entre outras reivindicações (PAXTON, 2007, p.16).

Além disso, o fascismo de Mussolini contava com o apoio de outras esferas da sociedade, como o movimento futurista, sindicalistas e militantes ex-combatentes que sentiam orgulho da participação da Itália nos conflitos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Nesse sentido, o fascismo se alinhava, na área política, com aspectos anticapitalistas, anticomunistas e nacionalistas.

A partir disso, elencamos que características similares do fascismo surgiram em diversos países ao redor do mundo como, por exemplo, no Brasil, como é o caso da Ação Integralista Brasileira (1932-1938). Sobre isso, Roger Griffin (1993, p.17) aponta que ao considerarmos um movimento além do caso italiano, o fascismo se torna um “termo genérico”. O fascismo genérico possibilita uma interpretação capaz de abranger as diversas expressões fascistas, o que Griffin (1993, p. 48) considera como o “núcleo mítico” do fascismo. Logo, o “fascismo é uma ideologia política em que seu núcleo mítico em suas diversas permutas é uma forma palingênese de um ultranacionalismo populista” (tradução nossa)¹. Ou seja, o fascismo se apresenta como um movimento revolucionário que destoa tanto do absolutismo quanto do liberalismo, tornando-se, assim, um populismo ultranacionalista.

¹ Original: “Fascism is a genus of political ideology whose mythic core in its various permutations is a palingenetic form of populist ultranationalism”.

Podemos concluir que os fascismos buscam implementar uma sociedade utópica a partir de reformas sob os preceitos de cada ideologia e, conseqüentemente, extinguir os males do capitalismo e do comunismo. Apesar disso, a sociedade em construção almejada pelos fascistas nem sempre se mostrará a mesma na prática.

Outro ponto importante é a paixão militante: o ato de doação e sacrifício em função dos ideários fascistas. Leva a pensar como os efeitos dos fascismos estão ancorados tanto na razão quanto no emocional – que se distanciam de explicações científicas e abraçam as simbologias – para a formação do núcleo mitológico. Por este motivo, Griffin afirma que somente a figura de um líder carismático e a doutrina não seriam suficientes para modificar as estruturas políticas e sociais, sendo necessário dirigir-se para uma análise histórica da formação desses ideais e das suas motivações, tal como racionais e emocionais.

Dessa forma, consideramos o movimento integralista como integrante dos fascismos genéricos, por ser constituído de características similares aos outros movimentos fascistas e, ao mesmo tempo, possuir características particulares da sociedade brasileira.

A Ação Integralista Brasileira surgiu em 1932, e foi idealizada por seu líder Plínio Salgado. As principais características do movimento integralista eram os princípios cristãos – com o propósito de resguardar a espiritualidade do povo brasileiro – o combate ao individualismo que cada dia se intensificava mais no sistema liberal e capitalista, e ao socialismo que representava os males de uma sociedade sem governo e sem escrúpulos.

Para os preceitos integralistas era necessário “um governo ditatorial, que conduzisse a sociedade brasileira ao ‘caminho certo’ do espiritualismo embasado na ‘pureza do nacionalismo’. Um governo que se obrigasse a ser forte e constituído de ideias integrais” (OLIVEIRA, 2009, p.128). Nas páginas do *A Offensiva*, uma passagem salta aos olhos por exemplificar como os integralistas entendiam o “Estado Liberal”, nisso F. G. da Silva Prado afirma que,

após a longa e persistente propaganda revolucionária da encyclopedia, surge o Estado Liberal, pronlogamento do humanismo, do naturalismo, do agnosticismo, emfim, de toda mistura exótica do pensamento renascenciano. Elle vem substituir as velhas organizações, os grupos naturaes e toda estructura christã do Estado, para afirmar o mais intenso e desnorteante individualismo (...). Sem o amparo dos grupos que o constituem, isolando e enfraquecendo o homem em nome do ‘individualismo’, o Estado Liberal continha em seu bojo os germens de sua própria destruição (*A OFFENSIVA*, 1936, p. 10).

O Integralismo utilizou também mecanismos de agregação de massa para disseminar seus ideais, baseando-se em conceitos adotados por Estados fascistas: erradicar o individualismo por meio do convencimento dos males das “outras sociedades” de cunho capitalista e comunista, convocando a todos para construir uma nova e melhorada sociedade nacionalmente brasileira.

Em relação a isso, é imprescindível não discutir a partir de uma análise sobre as afetividades políticas, como os fascismos em geral se utilizam das emoções e das “paixões militantes” para angariar pessoas em pró de sua luta. Rafael Athaides (2016) aponta que o Integralismo fazia usos da “mobilização das afetividades” através das mensagens comoventes.

As afetividades foram por um longo tempo negligenciadas nas ciências sociais por serem consideradas com uma configuração “irracional”, o que a descaracteriza como um objeto científico. Contudo, compreendemos que a falta de uma análise da dimensão afetiva inviabiliza os estudos do passado, pois é crucial entender como os indivíduos constroem suas individualidades e coletividades a partir de experiências e vivências “tal como eles experimentam ou sofrem” (ANSART, 2019, p.7).

Em contrapartida, é insólito as afetividades políticas ganharem destaques nos momentos históricos como revoluções e revoltas, sendo caracterizadas apenas como “fanatismo”, enquanto em tempo de quietude as afetividades são descartadas ou esquecidas. Portanto, acabam sendo consideradas como fenômenos excepcionais.

O *A Offensiva* foi distribuído na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1934 a 1938, mas somente no seu terceiro ano de circulação incluiu a Página das Blusas Verdes. Para a análise deste artigo, nos concentramos nos números publicados no mês de setembro de 1936, data das primeiras publicações da sessão direcionada às mulheres. Apesar do jornal *A Offensiva* ser um diário oficial da AIB, a sessão Página das Blusas só era publicada aos domingos. Por outro lado, o seu alcance era nacional, circulando por todo o território brasileiro, o que colaborou para a disseminação dos ideais integralistas tanto para homens quanto para as mulheres (SIMÕES, 2009). Para a realização deste estudo foram analisados treze números do jornal *A Offensiva* que datam do dia 13 de setembro de 1936 a 28 de setembro de 1936.

As *Theses* das Blusas Verdes

A participação das mulheres nos movimentos fascistas não foi algo único do Integralismo. O fascismo italiano e o nazismo na Alemanha são alguns dos exemplos que podem ser citados, em que incluíam as mulheres em seus discursos ideológicos. Entretanto, a Ação Integralista Brasileira tinha a excepcionalidade de convidar as mulheres para serem militantes de rua.

Com aspirações de caráter reacionário, o Integralismo precisou formular soluções para as “problemáticas” liberais como, por exemplo, as lutas por emancipação política das mulheres, que se fortaleceram em diversos países ao redor do mundo no início do século XX (ALVES, 2019).

Na Ação Integralista Brasileira existiam regimentos, um núcleo dirigido ao auxílio das mulheres, conduzindo-as para a melhor versão que poderiam ser dentro dos preceitos de Deus, Pátria e Família. A Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos (SNAFP) tinha departamentos específicos para as mulheres: o Departamento Feminino, que ficava responsável por encaminhar atividades a serem desempenhadas pelas blusas-verdes, os atributos que precisavam ser desenvolvidos, entre outros. Importante destacar que o SNAFP era responsável pela Páginas das Blusas Verdes, sessão publicada semanalmente no jornal *A Offensiva*, entre os anos de 1936 e 1937.

Neste espaço do jornal, as mulheres militantes da AIB se dedicavam a escrever colunas que ensinavam as mulheres sobre o cuidado do lar, da família e dos filhos, combatendo, ao mesmo tempo, os males das outras sociedades – capitalistas e liberais – que pretendiam destruir a mulher cristã, mãe e construtora do pilar mais importante da nação: a família. Entretanto, a sessão não excluía escritos desenvolvidos por homens.

Na primeira publicação da Página das Blusas Verdes, no dia 13 de setembro de 1936, *A Offensiva* (1936, p. 14) convida todas as blusas verdes a apresentarem suas *theses* “a serem desenvolvidas pelas blusas-verdes em todos os núcleos do país, elucidando a todas as brasileiras sobre o papel da mulher no movimento integralista e dentro do estado integral”.

No que tange a essas *theses*, o jornal elaborou uma série de questões que deveriam contribuir à escrita e reflexão das mulheres sobre os seus papéis enquanto militantes do integralismo, com o intuito de entender qual o lugar do cristianismo na vida dessas mulheres; como os ideais integralistas são melhores e contribuem de forma positiva na

educação e elevação moral feminina; como as mulheres atuavam diretamente na formação do espírito nacional; e por último, o que precisava ser combatido para que a mulher “de bem” não desaparecesse.

Percebemos nesses escritos que o destino biológico das mulheres é constituído como a verdade dos discursos integralistas, que se baseiam na ideia de que as mulheres – não inferiores, mas diferentes dos homens – exercem papéis relacionados ao seu sexo, ao fato de possuírem um útero e poderem gerar filhos. Ferreira e Silva (2011) ressaltam que devido às diferenças entre masculino e feminino, era impossível que ambos, homens e mulheres, tivessem os mesmos direitos e deveres.

Aos homens foi incumbido o sustento do lar, enquanto às mulheres o de exercer o papel essencialista de mãe, esposa e do lar. Para o exercício de suas funções, as mulheres precisavam ser instruídas nos ideais integralistas para educar seus filhos – o futuro da Nação Integral. Para que a prosperidade do Estado Integral se cumprisse a curto e longo prazo, era dever dos militantes – os camisas verdes e as blusas verdes – seguirem os ensinamentos ideológicos do integralismo.

O Integralismo não media esforços em elucidar que o feminismo era fruto de lutas infundadas e, principalmente, prejudiciais para o ideal “feminino” de mulher – esposa, mãe e do lar. Para transpor suas ideias sobre os males do liberalismo e do comunismo na destruição da família cristã, o movimento se utilizou dos meios de comunicação como jornais, revistas, boletins informativos, entre outros, com o intuito de instruir os homens e mulheres militantes da AIB.

Preocupando-se com a educação das mulheres em decorrência das problemáticas combatidas pelo movimento, foi criado em 13 de setembro de 1936, uma sessão no jornal *A Offensiva*, dedicada aos estudos e reflexão das militantes mulheres, conhecidas por blusas verdes. A Página das Blusas-Verdes apareceu como uma via para educar sobre os direitos e deveres que as blusas verdes tinham dentro do movimento integralista, a partir de seus papéis de gênero.

A sessão propõe a publicação de *theses* escritas por mulheres durante os encontros oferecidos pelo Núcleo de Arregimentação Feminina e de Plinianos (NAFP), sob temas que ressaltam a importância das mulheres para o futuro e prosperidade da AIB. Em sua sessão inaugural, A. de Toledo Piza adverte sobre os males da sociedade liberal e socialista, e critica o movimento sufragista, ao enfatizar que:

O mundo moderno ficou entre varios extremos ao considerar o problema da Mulher. O bolchevismo escravizou-a aos baixos instinctos, abjectos sentimentos e occultou a sua miseria sob a sua tartarugosa machina

administrativa. O liberalismo burguez, abandonou-a na lucta pela vida, dando-lhe oportunidade para que seus encantos se transformassem em méros adornos de salão. Ao lado da mulher escrava da Russia e da futil dos paizes liberaes-democratico, nós encontramos a mulher ridicula cujo clássico modelo é a suffragista inglesa. É a mulher que declarou guerra ao homem, que usa roupas masculinizadas, pretende ocupar cargos publicos, entrar no Exercito ou na Marinha, penetrar, emfim, na seara onde age o outro sexo, e até fraudar eleições. Só não pretende uma coisa: - Desenvolver as suas qualidades próprias de Mulher (*A OFFENSIVA*, 1936, p. 13).

De acordo com as afetividades políticas, percebemos que o Integralismo no excerto acima, instrumentaliza as mensagens comoventes a partir de três emoções principais: o amor, o ódio e o medo. Isto porque o discurso integralista propõe fomentar essas emoções em suas militantes para que elas tenham e odeiem os outros modelos de sociedade, onde as mulheres são supostamente escravas, fúteis e masculinas. Ao mesmo tempo, ressalta como a AIB caminha no sentido contrário, buscando a todo momento a elevação moral e espiritual das mulheres e desenvolvendo aquilo que é o mais sagrado sobre elas: seu destino biológico de mulher-mãe.

Mais adiante podemos encontrar outra passagem que caminha próximo da ideia de consolidar as emoções de ódio e medo, lembrando às mulheres que seu papel de mãe e esposa estava ameaçado pela doutrina comunista que tinha a intenção de retirá-las do lar. O texto escrito por José de Mello Rezende relembra às mulheres a importância do Integralismo que visa somente o bem destas. Nas palavras do autor:

O communismo compreendeu tão bem o papel da mulher propaganda da sua nefasta doutrina que um dos seus chefes proferiu em um discurso estas palavras: “para que vença a revolução comunista, temos urgente necessidade do concurso da mulher, e para ter a mulher ao nosso lado, precisamos fazel-a sahir do lar domestico, destruindo nas suas estranhas o sentimento egoísta do amor materno e destruído-lhe a família”. O Integralismo também precisa, e muito precisa do concurso da mulher, porque visa reformar a sociedade, começando justamente pela organização christã da família, que é a base de toda sociedade bem organizada” (*A OFFENSIVA*, 1936, p.13).

Não era incomum que o manuseamento das “estruturas socioafetivas” (ANSART, 2019) estivessem relacionadas à maternidade. Isto se dava pelo fato de que o Integralismo tinha como propósito um novo modelo de família (cristã), a “fórmula de salvação diante do processo modernizador” (FERREIRA, 2011, p.2). Como destacado por Rezende na passagem acima, o Integralismo compreendia a importância das mulheres para a prosperidade do movimento e, eventualmente, para emergência da nova sociedade sob os princípios integralistas.

Em relação a isso, Ansart (2019, p. 147), aponta que era usual dentro da estrutura afetiva dos fascismos e totalitarismos a nomeação de inimigos, sejam externos ou internos. Esses inimigos são considerados perigosos e nocivos, e sua destruição

“asseguraria a salvação” do modelo de sociedade almejado. Portanto, o uso de discursos insuflando a violência contra esses inimigos aparentes, é assegurada e legitimada dentro dos movimentos.

A maternidade e o Integralismo

Já o ideal materno era um dos principais componentes dentro dessa rede discursiva, pois era a partir deste que surgia o papel das mulheres como indivíduos de direitos e deveres. Era a partir da mãe – aquela que cuida e educa – que implicava o aparecimento de uma nova e melhorada nação. Nesse sentido, as mulheres dentro do Integralismo carregavam a noção biologizante de que precisavam desempenhar tarefas relacionadas à maternidade, seja como mãe ou em profissões como enfermeira ou professora.

O Integralismo acreditava que as mulheres não eram inferiores aos homens, apenas diferentes. Essa diferença, a partir da noção fundamentalista de mulher, implicava na concepção de que os homens desenvolviam o raciocínio lógico, enquanto o emocional ficava a cargo das mulheres, por meio das suas funções maternas. Essas diferenças entre feminino e masculino para o movimento não eram somente uma questão discursiva. A doutrina utilizava dessas distinções para criar diferentes deveres em seus militantes.

De acordo com Scott (1995, p.91), as diferenciações entre masculino e feminino perpetuam a hierarquização e desigualdade de gênero, além de criarem “compreensões generalizadas das assim chamadas relações naturais entre homem e mulher”. Os diferentes papéis desempenhados por homens e mulheres no integralismo consolidam e legitimam a oposição binária entre masculino e feminino como algo fixo e natural, quando, na verdade, o gênero é uma construção histórica e social. Portanto, como menciona Scott, “a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder” (SCOTT, 1995, p.92).

O dever de um militante camisa-verde não seria o mesmo que o da blusa verde, e eram essas diferenças que faziam a AIB prosperar. Segundo Simões, “o integralismo, desde seu nascedouro, atribuiu à mulher a função de educadora e formadora de caráter, devendo dedicar seus esforços em prol da renovação espiritual do País” (SIMÕES, 2011, p.4).

Por outro lado, as blusas verdes não eram proibidas de exercer o trabalho fora do lar desde que fosse uma tarefa secundária, já que seus esforços deveriam ser

direcionados ao cuidado da família e do lar. Podemos considerar que o integralismo não se dirigia a todas as mulheres, pois ignorava as categorias de raça e classe, mulheres que dificilmente tinham condições de escolher entre trabalhar ou não fora do lar (POSSAS, 2004).

Era priorizado que o desenvolvimento das aptidões femininas se dirigisse aos cuidados da família, acima da própria mulher. O ideal de “mulher brasileira” para a doutrina integralista se restringia a uma feminilidade “comportada”. Em 1949, anos após o fim da Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado publicou o livro “A mulher no século XX”, onde descreve que as mulheres precisavam ser agradáveis, belas, formosas – mas não em demorado – e instruídas para serem mães, pois “toda a ação da mulher no meio social, desde os círculos família até os mais amplos círculos da vida coletiva, tem de proceder daquela função” (SALGADO, 1949, p. 73).

A maternidade aparece como um dos pilares e justificativa da distribuição dos papéis de gênero, sendo ela o significado de prosperidade da AIB. Contudo, importante ressaltar que a participação das mulheres não era restrita somente aos espaços privados, pois as blusas-verdes também atuavam como militantes de rua (SIMÕES, 2011).

À vista disso, analisamos que os usos da maternidade são, sobretudo, políticos (BEAUVOIR, 2009). Além disso, a maternidade não é um conceito concreto e imutável. Ao longo dos séculos, a noção sobre maternar ganhou diversas conotações, no qual a própria noção de amor materno se reinventou, a partir de discursos médicos e legais do século XVIII. De acordo com Badinter, a maioria dos discursos sobre o cuidado e amor materno eram direcionados às mulheres da burguesia, que tinham maior permanência no lar ao lado dos filhos. A autora reitera que,

o novo imperativo é portanto a sobrevivência das crianças. E essa nova preocupação passa agora à frente da antiga, a do adiestramento daquelas que restavam após a eliminação das mais fracas. As perdas passam a interessar o Estado, que procura salvar da morte as crianças. Assim, o importante já não é tanto o segundo período da infância (depois do desmame), mas a primeira etapa da vida, que os pais se haviam habituado a negligenciar, e que era, não obstante, o momento da maior mortalidade (BADINTER, 1985, p.145).

A responsabilidade sobre a vida e a morte que recai aos cuidados do Estado, implica pensar que a infância é uma preocupação para a prosperidade da Nação. De certo, podemos entender que até esse período a infância não existia e a “vida era relativamente igual para todas as idades, ou seja, não havia muitos estágios e os que existiam não eram tão claramente demarcados” (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008, p.6).

De acordo com Michel Foucault (1988), o surgimento do biopolítico pressupõe que o Estado é o grande responsável pelos problemas políticos e econômicos que pairam sob seus cidadãos. O intuito dos cuidados do Estado é a maximização da vida por meio de mecanismos de controles, a partir dos quais começam as intervenções sobre a vida privada desses indivíduos, resultando, assim, na normalização do coletivo. Dentre suas preocupações, podemos encontrar o “sexo” como um dos componentes a serem geridos pelo Estado como uma prática coletiva e pública.

Para as mulheres, o sexo também significa possibilidade de reprodução. Como aponta Orna Donath (2016, p.27), a capacidade das mulheres de poder gerar filhos será considerada como uma essência e a justificação para sua existência. A naturalização da maternidade implica entender que os destinos das mulheres foram traçados em seus nascimentos.

O discurso médico e filosófico dos séculos XVIII e XIX, incumbiu às mulheres o dever de cuidar de seus filhos – não somente nos primeiros anos de vida. Badinter (1985, p.200) ressalta que a ideia da “boa mãe” não foi aceita rapidamente por todas as mulheres, mas aos poucos as mulheres começaram a incorporar os ideais do papel “gratificante no seio do universo familiar” e da sociedade. Além disso, as mudanças em relação ao amor materno precisam estar delimitadas entre raça e classe, já que as mulheres pobres não estavam inseridas nos mesmos discursos morais direcionados às mulheres brancas das classes mais abastadas.

Isso mostra que o discurso integralista se ancorava numa ideia de “mulheres” que vinha sendo desenvolvido há alguns anos. O seu diferencial estava nos usos da maternidade através de um nacionalismo exacerbado. As funções biologizantes atribuídas às mulheres conduzia ao pensamento de que todas sentem e idealizam a maternidade na mesma intensidade, e

essa representação de “natureza feminina” como uma obrigação para ser mãe é também utilizada para perpetuar a ideia de que mulheres são equipadas com instintos maternos inatos e de habilidades biológicas que permitem mulheres cuidarem melhor das crianças do que os homens, sejam adotadas ou biológicos² (DONATH, 2016, p.49, tradução nossa).

Portanto, requer entender que as formas com que o movimento integralista manuseou seus discursos envoltos às mulheres não eram excepcionalmente novos, mas eram reelaborados para obter seus fins. O amor materno não era, simplesmente, uma

² Original: “this depiction of “female nature” as an obligation to mother is also used to condone the idea that women are equipped with congenital maternal instincts and biological abilities that prompt women rather than men to raise and care for the children, they have either birthed or adopted”.

emoção inata das mulheres, era a sua maior notoriedade e era por meio deste que elas deveriam integrar as fileiras da AIB, em busca de aprimorar suas capacidades de mulheres, e alçar em busca da sociedade brasileira que resguardava a família tradicional brasileira.

Considerações Finais

Este artigo é um esforço inicial para traçar a história das mulheres no movimento integralista, expondo tanto a forma como foram construídas suas narrativas como essas próprias narrativas contribuíram para o ensinamento das mulheres aos preceitos e deveres ideológicos do Integralismo. Nesse aspecto, o jornal *A Offensiva* é essencial para tal análise.

Ainda que a participação de mulheres em movimentos de cunho fascista tenha sido recorrente, sua atuação por vezes é vista como coadjuvante para o conhecimento do passado. Muito disso se dá pelo fato de a história política partir, especialmente, de uma ótica masculina e de documentos oficiais e estatais. Com a demanda pela variedade de fontes, a participação das mulheres pode ser melhor introduzida, utilizando, principalmente, a abordagem de gênero para tal.

Portanto, analisar a influência e a importância das mulheres – majoritariamente brancas, de classe média e conservadoras – em movimentos fascistas, como é o caso do Integralismo, não somente traz outra perspectiva sobre uma narrativa já feita, como ressignifica a relação com o passado em que as mulheres estão na história. Ou seja, este artigo se propôs visibilizar as múltiplas faces da história das mulheres e suas complexidades, pois o estudo sobre mulheres conservadoras fascistas ainda é visto como um tema marginal pela historiografia. Sendo assim, requer o devido cuidado de análise.

AN ANALYSIS ABOUT THE WOMAN'S CONTRIBUTION ON THE INTEGRALIST MOVEMENT THROUGH THE NEWSPAPER PAGES *A OFFENSIVA* (1936)

Abstract: This article aims to analyze the theses from the Green Blouses, published in the newspaper *A Offensiva* (1934-1938), referring to the month of September 1936, which had the purpose of educating and training women within the integralist ideology. The *Ação Integralista Brasileira* (1932-1938) was a Brazilian fascist movement, coordinated by its boss, the novelist Plínio Salgado. As the press is the most recurrent way of disseminating integralist ideals, we look at the weekly newspaper *A Offensiva*, with its national reach, to understand the importance of women for the integralist movement and the social roles assigned to them based on their biological sex. For this analysis, we use gender and political affectivities as the category of analysis, which provide an analytical look at how the moving messages were directed and structured in the journalistic discourse of *A Offensiva*, incorporating motherhood as the primary source of women's participation in the movement.

Key-Words: Integralism. Woman. Motherhood. Gender.

UN ANÁLISIS SOBRE LA PARTICIPACIÓN DE LAS MUJERES EN EL MOVIMIENTO INTEGRALISTA A TRAVÉS DE LAS PÁGINAS DEL PERIÓDICO *A OFFENSIVA* (1936)

Resume: Este artículo tiene como objetivo analizar las tesis de las Blusas Verdes, publicadas en el diario *A Offensiva* (1934-1938), referidas al mes de septiembre de 1936, que tenían el propósito de educar y formar a las mujeres dentro de la ideología integralista. La *Ação Integralista Brasileira* (1932-1938) fue un movimiento fascista brasileño, coordinado por su jefe, el novelista Plínio Salgado. Como la prensa es la forma más recurrente de difundir los ideales integralistas, nos fijamos en el semanario *A Offensiva*, con alcance nacional, para comprender la importancia de las mujeres para el movimiento integralista y los roles sociales que se les asignan en función de su sexo biológico. Para este análisis, utilizamos las afectividades políticas y de género como categoría de análisis, que brindan una mirada analítica a cómo los mensajes conmovedores fueron dirigidos y estructurados en el discurso periodístico de *A Offensiva*, incorporando la maternidad como la principal fuente de participación de las mujeres en el movimiento.

Palabras clave: Integralismo. Mujeres. Maternidad. Género.

Referências**Fontes**

A OFFENSIVA. **O individualismo liberal e o grupalismo integralista**. Edição 284, 13 de setembro de 1936.

_____. **Schemas das theses a serem desenvolvidas pelas blusas verdes em todos os núcleos do país, elucidando a todas as brasileiras sobre o papel da mulher no movimento integralista e dentro do estado integral**. Edição 284, 13 de setembro de 1936.

_____. **Diversos conceitos de mulher**. Edição 290, 20 de setembro de 1936.

_____. **A mulher e o Integralismo**. Edição 296, 27 de setembro de 1936.

Bibliografia

ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

ATHAIDES, Rafael. **As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos**. Curitiba, 2012. Tese de Doutorado.

_____. Uma metodologia para o estudo das paixões fascistas: a imprensa partidária e a ação integralista brasileira. Natal: ANAIS ANPUH-XXVII Simpósio Nacional de História. 2013.

ALVES, Branca Moreira. A luta das sufragistas. In: ARRUDA, Ângela ... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 53-69

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Millet. – 2º Edição – Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

DONATH, Orna. **Regretting Motherhood: a study**. California: Albrecht Knaus Verlag, 2016.

FERREIRA, Helisangela M. A. SILVA, Giselda B. A casa é das mulheres e a rua é dos homens: A educação feminina na AIB na cidade do Recife (1932-1937). In: III Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais: olhares diversos sobre a diferença. João Pessoa: **Anais**, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1988.

GRIFFIN, Roger. **The Nature of Fascism**. London: Routledge, 1993.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: (org.) HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. pp. 88-114.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. PINSKY, Carla B. (org) In: **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

NASCIMENTO, Cláudia T. BRANCHER, Vantoir R. OLIVEIRA, Valeska F. A construção social do conceito de infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica. Florianópolis: **LINHAS**, v.9, n.1, p.04-18, jan./jun. 2008

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Cornell University Press**, 1999.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos. *Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)*. Porto Alegre: PUCRG, 2009. **Tese de Doutorado**.

PRADO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi. (organizadoras). **Nova História das mulheres no Brasil**. – 1. ed., 1a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013, p. 673-744.

PAXTON, Robert O. **Anatomia do fascismo**. Paz e Terra: São Paulo, 2007

PEDRO, Joana M. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, v.12, n.22, jan.-jun., p.270-283, 2011.

_____. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. São Paulo: **História**, v.24, n.1, 2005. pp.77-98.

POSSAS, Lídia M. Vianna. As blusas verdes e as marchadeiras. Movimentos de mulheres e de participação política nos anos 30 e 60. **Revista Nuevas Tendencias en Antropología**, v. 3, n. 1, p. 20-43, 2012.

_____. O integralismo e a mulher. In: DOTTA, Renato; POSSAS, Lídia Maria Vianna; CAVARALI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: novos estudos e reinterpretaciones**. Arquivo Público do Município de Rio Claro, 2004.

SALGADO, Plínio. **A mulher no século XX**. São Paulo: Editorial Guanumby, 1949.

SCOTT, Joan. “Experiência”. In SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (Orgs.) **Falas de gênero**. Florianópolis Editora Mulheres, 1999, pp. 21-55.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

_____. Os usos e abusos do gênero. São Paulo: **Projeto História**, n. 45, 2012. pp. 327-351

SIMÕES, Renata Duarte. Ação Integralista Brasileira: educando mulheres para as funções de professora e mãe de família. In: IV Congresso Brasileiro de História da Educação - a educação e seus sujeitos na história, 2006. **Anais...** Goiânia - GO: Ed. da UCG; Ed. Vieira, 2006.

_____. **A educação do corpo no jornal A Offensiva (1932-1938)**. 2009. 185f. 2009. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História da Educação e Historiografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH. **Anais...** São Paulo - SP: Universidade de São Paulo, 2011.

_____. O jornal “A Offensiva” e a mulher integralista. In: XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: saberes e práticas científicas, 2014. **Anais**. Rio de Janeiro - RJ: Universidade Santa Úrsula, 2014.

TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**. São Paulo: Difel, 1974.

SOBRE A AUTORA

Luana Dias dos Santos é graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); graduanda em Licenciatura Letras/Inglês pelo Grupo Educacional IBRA.

Recebido em 22/06/2021

Aceito em 29/11/2021